

Estado do meio ambiente em um país de escala continental

Aziz Ab'Sáber

Um inventário sobre as principais questões ambientais de um país de escala continental, sujeito a um desenvolvimento desigual, como é o Brasil, constitui-se em tarefa-desafio. Para uma caracterização mínima das criticidades mais berrantes, há que se recorrer a um método de abordagem, o mais apurado possível, a fim de se elaborar um quadro conjuntural efetivamente abrangente e compreensível.

Em primeiro lugar, é indispensável resgatar o conhecimento que diz respeito aos agrupamentos de ecossistemas naturais que serviram de suporte para as atividades humanas, ao longo do tempo e do espaço, nos diferentes domínios de natureza do Brasil inter e subtropical. Logo em seguida, realizar um esforço para reunir todos os conhecimentos disponíveis sobre a realidade dos espaços criados pelos homens - a sociedade e a economia - no panorama desse fim de século, utilizando o critério das interferências antrópicas cumulativas. Nessa fase, é obrigatório recorrer-se à caracterização e à percepção do estado real do ambiente nos diferentes tipos de espaços geográficos que efetivamente compõem a "organização" humana, altamente interferente, que perturbou os diferentes componentes da natureza física e ecológica do país. Numa terceira abordagem, torna-se imprescindível pensar no grau e na intensidade da urbanização brasileira (1970), em uma sociedade desigual que, em geral, desenvolve quase todas as suas atividades econômicas e sociais se apoiando ou a partir da vida urbana.

O fato de 70% ou mais da população brasileira viver em cidades pontes (metrópoles nacionais, metrópoles regionais, capitais regionais, cidades médias e pequenas, vilas de feições e funções urbanas), nos oferece uma medida das desigualdades de distribuição da população urbana comparada com a população rural e selvática-extrativista. Sem falar das áreas sujeitas ao modelo urbano-industrial, que propicia gigantescas desigualdades de distribuição e acumulação de grupos humanos carentes, provenientes de todas as áreas sub-desenvolvidas do país (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Salvador, Manaus). Mesmo na Amazônia existe hoje uma relação anômala preocupante na distribuição das populações: 50% ou mais da população total vive em cidades, vilas e metrópoles regionais, em precárias condições sanitárias e ambientais.

Nas grandes metrópoles brasileiras, a projeção de uma sociedade extremamente desigual, constituída por diferentes circuitos sócio-econômicos e grandes exércitos de reserva de mão de obra - em uma situação de carência de recursos estatais - cria uma dramática junção da poluição da riqueza com a poluição da pobreza, com efeitos extremamente negativos para o meio ambiente. Dejetos humanos, dejetos industriais, gases de veículos automotores, em um quadro de estrangulamento excessivo das infra-estruturas de saneamento básico, ao par com um funcionamento trepidante da vida metropolitana, criam condições de grave vulnerabilidade para a saúde dos homens. Trata-se de uma combinação "diabólica" de fatores impactantes sobre a sanidade das águas continentais, a sanidade do ar, a sanidade dos solos (e sub-solos): ao que soma, nas zonas costeiras, a sanidade de baías, estuários e águas da plataforma.

Por último, há que se atingir a meta final de compreensão sincroniza entre os problemas ambientais do mundo urbano e dos espaços rurais produtivos, onde o esvaziamento do campesinato e o uso desregrado de agrotóxicos, vem produzindo uma poluição do solo e das águas, com derivações negativas e de grande periculosidade para o homem-habitante. Para a previsão de Impactos ambientais, ecológicos e sociais, em diferentes profundidades no futuro, há que se pensar nos cenários tendências em termos dos ecossistemas urbanos (metrópoles, bacias urbanas, conurbações), dos agroecossistemas e dos ecossistemas naturais sob preservação. As anomalias do presente são apenas um flash de uma conjuntura evolutiva que está engendrando a caótica aldeia global do futuro. Enquanto os economistas prevêm a situação da economia dos países subdesenvolvidos a nível de um mês, uma semana ou um dia, cabe aos ecologistas conscientes pensar na dinâmica da organização humana do espaço total, a nível de 30, 100, 1000, ou 10.000 anos, senão a nível de todo o futuro do planeta vivente, por excelência.